

Saúde mental no esporte : a circulação de sentidos sobre o caso da atleta Tati

Weston-Webb do surfe¹

Flaviane Rodrigues Eugênio²³

Palavras-chave: Saúde Mental; Esporte; Gênero; Jornalismo Esportivo.

Introdução:

Nas últimas décadas, debates acerca da saúde mental emergiram, movimento que convergiu, dentre outros fatores, com dados recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS), que ao realizar uma das maiores revisões sobre saúde mental desde o século XX, divulgou informações importantes, como o aumento do número de transtornos mentais, e o impacto da pandemia do coronavírus para a saúde mental, a exemplo do aumento de 25% da ansiedade e da depressão, após o primeiro ano de isolamento social (OMS, 2022). No entanto, apesar desse cenário, ainda há muitos estigmas relacionados à saúde mental e no âmbito esportivo isso não seria diferente.

Essa discussão no campo esportivo repercutiu com mais ênfase a partir do momento em que atletas de alto rendimento passaram a tornar públicas suas experiências relacionadas ao sofrimento psíquico, rompendo com a tradicional imagem do atleta como símbolo de força, resiliência e invulnerabilidade emocional. Alguns casos amplamente divulgados na mídia contribuíram para ampliar esse debate, um dos mais emblemáticos é o de Simone Biles⁴, que durante os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 anunciou sua retirada de algumas provas para preservar sua saúde mental, desencadeando discussões sobre a pressão psicológica no esporte de alto rendimento. De forma semelhante, a tenista Naomi Osaka⁵ decidiu não participar de coletivas de imprensa durante o Roland Garros de 2021, alegando impactos negativos dessas

¹ Trabalho apresentado no GP de Comunicação e Esporte do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais. Email: flavianerodrigues.e@gmail.com

³ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57990804>, Acesso em: 05/06/2026

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/tenis/naomi-osaka-desiste-de-roland-garros-e-relata-depressao/>. Acesso em 05/06/2026

interações em seu bem-estar psicológico. Esses casos mencionados inauguraram, em alguma medida, as discussões mais profundas sobre o tema.

Dessa forma, é notório que o esporte não pode ser compreendido apenas a partir de suas dimensões físicas e técnicas, mas também de seus aspectos psicológicos e emocionais. À luz disso, os meios de comunicação desempenham papel central na mediação dessas narrativas, contribuindo para a construção de sentidos sobre o sofrimento psíquico no universo esportivo. No entanto, há poucos estudos de comunicação e esporte acerca desses sentidos tensionados.

A partir deste questionamento, objetiva-se com este trabalho compreender como se dá a produção de sentido sobre saúde mental no jornalismo esportivo, na fala da atleta e na reverberação do público nos comentários do Instagram. Para fins metodológicos, utilizaremos a análise de conteúdo Krippendorff (2013) a partir de categorias que nos ajudem a compreender a produção de sentido sobre saúde mental no esporte nas três esferas mencionadas, o discurso da mídia, da atleta e do público.

Saúde mental no esporte

O conceito de saúde mental é essencial para este trabalho; historicamente, o termo foi precedido pelo conceito de "higiene mental", que surgiu na literatura em 1843, tornando-se um movimento organizado e liderado por Clifford Beers nos EUA em 1908. De acordo com Bertolote (2008), a concepção de higiene mental no início foi pensada no campo da neuropsiquiatria, a fim de direcionar os esforços para melhorar e humanizar o atendimento psiquiátrico dado às pessoas até então. O conceito de higiene mental visava abarcar não um paciente individualmente e sim toda uma comunidade. Contudo, cada membro dessa comunidade era visto como um ser dotado de um estado mental e emocional que poderia ser determinado por fatores externos, além disso, não se pensava em cura e sim em prevenção.

O autor (2008) ainda explica que a terminologia "saúde mental" como disciplina ou campo técnico consolidou-se apenas por volta de 1946, com a criação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de associações internacionais. Em 1950, a OMS definiu saúde mental como uma condição que permite ao indivíduo realizar uma síntese de seus impulsos instintivos, manter relações harmoniosas e participar de mudanças construtivas em seu ambiente. Tecnicamente, a "higiene mental" refere-se às

atividades e técnicas que promovem a saúde, enquanto a "saúde mental" é o estado ou condição resultante. Apesar disso, os termos foram frequentemente usados de forma intercambiável ao longo do século XX.

Em se tratando da saúde mental no esporte, Colagrai et al. (2022) realizaram uma revisão de literatura com estudos sobre saúde mental no esporte, incluindo o Brasil, e concluíram que somente 5% dos estudos são no país, embora a pesquisa não articule os aspectos comunicacionais que envolve a saúde mental, as poucas pesquisas no contexto brasileiro sobre o tema alertam para uma lacuna, evidenciando que este é um campo ainda pouco explorado pelos pesquisadores brasileiros. Ainda sobre o trabalho de Colagrai e colegas (2022), ele revela que a maior parte dos estudos emergiram nos últimos anos, mostrando, também, um maior interesse pela discussão.

Ademais, outro dado relevante mencionado por Colagrai (2022) é o fato de que muitos estudos sobre saúde mental no esporte focam em atletas homens, ainda que alguns estudos apontem que mulheres podem ser mais suscetíveis a terem transtornos de ansiedade. Os dados trazidos pelas autoras (2022) podem revelar a falta de articulação de gênero nos estudos de saúde mental.

No que se refere aos trabalhos de comunicação e saúde mental, grande parte delas examina como os veículos de comunicação constroem sentidos e representações sobre o tema. Os estudos dizem que há uma oscilação entre o reforço de preconceitos e estigmas e o potencial educativo da mídia, em grande medida, os estudos também revelam que a comunicação atua como ferramenta de poder social, capaz de marginalizar indivíduos ou impulsionar a inclusão e a desconstrução de tabus (Borges Júnior et al., 2020; Cabral, 2017; Figueiredo et al., 2020; Melo, 2017; Santos, 2023; Silva et al., 2019; Soares, 2004).

Gênero, feminilidades e masculinidades no esporte

Nos interessa também, neste trabalho, discutir as questões de gênero, feminilidade e masculinidades no esporte. Dessa maneira, Goellner (2010) ao se apoiar nos estudos de gênero, diz que é possível defini-lo como uma construção social do sexo, em que as marcas que definem o masculino e o feminino no corpo não são naturais, mas historicamente construídas e, portanto, passíveis de mudança. Ainda de acordo com a autora (2010), o esporte historicamente reforçou diferenças de gênero, em que os

esportes de força eram associados aos homens e os esportes ligados à estética relacionados às mulheres. Além disso, durante muito tempo houve restrições à participação feminina em determinadas modalidades, motivadas inclusive pelas questões de feminilidade.

As feminilidades e as masculinidades também podem ser compreendidas como construções sociais, sendo a primeira composta por atributos, condutas e significados socialmente atribuídos ao feminino (Butler, 2003). Ao passo que as masculinidades reúnem práticas, valores e representações associadas ao que, em determinado contexto cultural, é entendido como “ser homem”. Não se trata de uma essência natural, mas de um conjunto de expectativas e normas que regulam comportamentos e identidades, variando conforme o tempo, o espaço e as relações de poder (Connell, 2016).

O esporte, como apontam Bandeira e Seffner (2013), contribui para normalizar determinadas expectativas em relação aos atletas homens. Embora discutam especificamente o futebol, os autores demonstram como atributos como força, resistência e invulnerabilidade são valorizados, tornando a demonstração pública do sofrimento emocional frequentemente interpretada como sinal de fragilidade. Essas normas de gênero ajudam a compreender as representações produzidas pelo jornalismo esportivo e as interpretações construídas pelo público nas redes sociais sobre saúde mental dos atletas. No caso de Tati Weston-Webb, essas discussões tornam-se particularmente relevantes, uma vez que permitem compreender de que maneira expectativas relacionadas às feminilidades e masculinidades atravessam tanto a cobertura jornalística quanto a recepção pública de seu relato sobre burnout.

Metodologia e primeiras aproximações com o corpus

À luz do referencial apresentado, este trabalho busca analisar a circulação discursiva da saúde mental no esporte a partir do caso de Tati Weston-Webb. Sendo assim, foram coletadas 11 notícias no Google Notícias a partir das palavras-chave 'Tati do surfe' e 'saúde mental'. Desse conjunto, foram mantidas apenas as matérias que abordavam o relato da atleta e a apresentavam como personagem principal.⁶ Na fala da atleta a análise se centrará no relato feito em seu Instagram⁶. Por fim, cerca de 2500

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DHtuz2PywhX/c/17963573465888465?img_index=1. Acesso em 05/06/2026

comentários foram coletados a partir da ferramenta *ExportComments*⁷ no vídeo em que a atleta anuncia a pausa para cuidar da saúde mental. Após esta coleta pretende-se articular as três arenas discursivas com categorias criadas a partir da análise de conteúdo Krippendorff (2013)⁸, já que a análise de conteúdo permite criar categorias de análise para o corpus.

Como questionamentos norteadores prévios desta primeira aproximação temos: No relato de Tati, o sofrimento psíquico é apresentado em articulação com as pressões da carreira esportiva, especialmente expectativas de desempenho e exposição pública? A cobertura jornalística tende a enquadrar o relato da atleta a partir de narrativas de superação e resiliência? A repercussão pública do caso apresenta disputas de sentido entre discursos de apoio à atleta e discursos que relativizam ou deslegitimam o sofrimento psíquico no esporte? As expectativas relacionadas às feminilidades e masculinidades atravessam a recepção pública do relato da atleta?

Até o momento, a partir de uma leitura exploratória do corpus, compreende-se que a atleta nomeia como burnout seu sofrimento psíquico, ao passo que a mídia tende a replicar a fala da atleta por meio de um enquadramento episódico e pouco reflexivo. Nos comentários, observa-se, predominantemente, uma recepção de acolhimento à atleta. Como hipótese inicial, considera-se que as expectativas de gênero e as construções sociais das feminilidades possam contribuir para essa forma de recepção, especialmente quando contrastada com reações frequentemente observadas em relatos públicos de jogadores de futebol sobre sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; CORRADI, Analaura; ASSUMPÇÃO, Douglas Junio Fernandes. Comunicação, Estigmatização e Transtorno mental: análise de uma matéria paraense em um Portal de Notícias. Id on Line **Rev. Mult. Psic.**, v. 14, n. 50, p.

⁷ Disponível em: <https://exportcomments.com/>. Acesso em 05/06/2026

⁸ Embora a dimensão discursiva apareça, analisar com o viés da análise de conteúdo permite uma categorização mais adequada aos objetivos do trabalho que tem um corpus extenso, especialmente nos comentários, dessa maneira, para a apresentação da pesquisa as categorias serão apresentadas tal como na metodologia proposta.

676-687. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Bianca Landi. **Uma análise da abordagem de reportagens televisivas acerca de casos de transtornos psiquiátricos**. 2017.

COLAGRAI, Alexandre Conttato et al. Saúde e transtorno mental no atleta de alto rendimento: mapeamento dos artigos científicos internacionais. **Movimento**, v. 28, p. e28008, 2022.

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**. University of Chicago Legal Forum, 1989.

FIGUEIREDO, Catarina; CUNHA, Madalena; SOUSA, Liliana; SANTOS, Eduardo. Impacto psicológico da pandemia da COVID-19 na população geral: protocolo de revisão sistemática com meta-análise. *Millenium – Journal of Education, Technologies and Health*, Viseu, n. esp. 7, p. 11-17, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

MELO, Simone Rodrigues Alves de. **Mídia e Espetacularização no Discurso Jornalístico sobre Transtornos Mentais**. 2017. 145 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2017.

SOARES, Ilka de Araújo. Comunicação e saúde mental: a democratização dos meios comunicacionais como veículo de reconstrução identitária. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, p. 12-21, 2004.

World Health Organization. **World Mental Health Report**. Geneva, 2022.